

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/12/2014 a 31/12/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
BIODIESEL	4
Raízen amplia distribuição de combustíveis. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 13/12/2014	4
ETANOL	5
Em crise, usinas atrasam pagamentos no interior de São Paulo. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 04/12/2014	5
Grupo sucroalcooleiro Unialco dá calote de R\$ 500 milhões em bancos. Josette Goulart – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 08/12/2014	6
Crédito para financiar o giro do setor está escasso. Josette Goulart – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 08/12/2014	7
Dinastias sucroalcooleiras, os Biagi e os Junqueira Franco devem deixar o setor. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 15/12/2014	8
Seca histórica pode reduzir safra da cana em 5%, estima a Única. Camila Turteli – Folha de São Paulo, Cotidiano. 18/12/2014	10
Preços da cana no Nordeste são insuficientes para cobrir custos de produção – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 19/12/2014	11
BNDES aprova crédito de quase R\$ 600 milhões a usinas. Alessandra Saraiva – Valor Econômico, Agronegócios. 19/12/2014	11
Unica acredita que 2015 será mais favorável para o etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 19/12/2014	12
Oferta segura preço do etanol na entressafra. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 19/12/2014	14
Conab prevê queda de 2,5% na moagem de cana no Brasil – Folha de São Paulo, Cotidiano. 19/12/2014	14
Prazo da Biosev para recompor 25% das ações em circulação é postergado – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014	15
Conselho de administração da Biosev aprova aumento de capital. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 26/12/2014	15
POLÍTICA NACIONAL.....	16
ETANOL	16
Queda do preço do petróleo ameaça retomada do etanol. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 14/12/2014	16
MG aprova redução do ICMS do etanol de 19% para 14%. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 16/12/2014	17
Consumo de combustíveis no Brasil cresce 5,6% em 2014, diz sindicato – Folha de São Paulo, Mercado. 16/12/2014	18

Preço do etanol hidratado cai ao motorista de 12 Estados. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014	19
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....	20
ETANOL	20
Cana deixa de atrair capital estrangeiro. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 15/12/2014.....	20
Dedini, Porta e DuPont unem suas forças em etanol de milho. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014	21

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

BIODIESEL

Raízen amplia distribuição de combustíveis. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 13/12/2014

Os avanços em infraestrutura no Centro-Oeste abriram caminho também para o etanol produzido na região.

A Raízen está finalizando um cronograma de investimentos em terminais para a distribuição de combustíveis em seis cidades da região: Cuiabá (MT), Rondonópolis (MT), Campo Grande (MS), Goiânia (GO), Alto Taquari (MT) e Brasília (DF).

Foram investidos R\$ 120 milhões nos últimos três anos para colocar os terminais em funcionamento.

O objetivo é levar o diesel e a gasolina para o Centro-Oeste, que vem ganhando relevância no consumo, e transportar o etanol e o biodiesel produzido naquela região para outras partes do país.

O transporte dos combustíveis será feito pelo modal ferroviário, o que vai aumentar a eficiência logística da operação e reduzir o fluxo de caminhões nas rodovias, segundo Leonardo Gadotti Filho, vice-presidente de logística e distribuição da Raízen.

Serão utilizadas duas rotas principais: a gasolina e o diesel chegarão de Paulínia (SP) ou do porto de Itaqui (MA) para serem distribuídos no Centro-Oeste. O etanol e o biodiesel farão o caminho inverso, para abastecer os mercados do Sudeste e do Nordeste.

Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ganharam espaço na produção de açúcar e etanol nos últimos anos.

Segundo dados da Unica (União da Indústria da Cana-de-açúcar), a participação desses Estados no processamento de cana do Brasil foi de 18% na safra 2013/14. Em 2007/08, a fatia era de 10%.

No caso do biodiesel, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás representaram 40,6% da produção nacional no ano passado, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo e Biocombustíveis).

*

Café 1 A produção de café da Colômbia subiu para 9,94 milhões de sacas de janeiro a outubro. Neste ano, serão produzidas 12,5 milhões de sacas, acima dos 10,9 milhões de 2013, segundo produtores do país. No mesmo período, as exportações somaram 8,88 milhões de sacas.

Café 2 No Brasil, a exportação deverá terminar o ano em 36 milhões de sacas, aponta o Cecafé (conselho dos exportadores). Com a elevação dos preços, as receitas já chegam a US\$ 5,9 bilhões até novembro.

Farelo de soja A produção mundial deverá subir para 199 milhões de toneladas na safra 2014/15, com alta de 6%, segundo o Usda e a RC Consultores. O consumo mundial também sobe 6%, atingindo 195 milhões de toneladas. O estoque final recua para 11,2 milhões de toneladas, 2% menos.

China A produção chinesa de farelo de soja, após ter atingido 54,1 milhões de toneladas na safra 2013/14, deverá subir 9% nesta temporada, em relação à anterior, somando 59 milhões de toneladas.

ETANOL

Em crise, usinas atrasam pagamentos no interior de São Paulo. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Cotidiano. 04/12/2014

Ao menos 4.150 trabalhadores de usinas de açúcar e etanol estão sofrendo com atrasos nos pagamentos de salários e verbas rescisórias de demissões em cidades do interior de São Paulo.

Segundo sindicatos, a crise que atingiu o setor é a principal responsável pela dificuldade financeira enfrentada pelas indústrias.

Levantamento feito pela Folha aponta que há problemas em três indústrias do interior – duas delas na região de Ribeirão Preto (a 313 km de São Paulo).

Na usina Carolo, em Pontal (a 351 km de São Paulo), que está em recuperação judicial, cerca de 1.600 funcionários ainda não receberam os salários de dezembro e o 13º de 2013.

A primeira parcela do 13º de 2014, que deveria ter sido depositada até o dia 30 de novembro, também não foi honrada, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação de Sertãozinho e Região, Antonio Vitor.

O departamento jurídico da usina informou que, por causa da recuperação judicial, a empresa tem um prazo até esta quinta-feira (4) para quitar as pendências referentes ao ano passado, mas o sindicato nega e diz que o prazo venceu em novembro.

Questionada, a usina, no entanto, não afirmou se fará o pagamento nesta quinta.

Na usina Santa Rita, em Santa Rita do Passa Quatro (a 248 km de São Paulo), 550 funcionários demitidos em outubro não receberam o pagamento integral das verbas rescisórias.

A Folha não conseguiu contato com representantes da usina.

Raimundo Vilasboas de Oliveira, presidente do sindicato que representa a categoria, informou que os trabalhadores estão ingressando com ações na Justiça.

Na usina Catanduva, cerca de 2.000 funcionários –entre demitidos e na ativa– estão com os pagamentos dos salários e das verbas rescisórias em atraso desde agosto.

"Pedimos o bloqueio de dinheiro da empresa na Justiça para tentar garantir os pagamentos. A situação está difícil", disse Sérgio Urize, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Catanduva (a 385 km de São Paulo).

O grupo Virgolino de Oliveira, proprietário da indústria, reconhece a dívida e informou que está trabalhando para quitá-las.

De acordo com a Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar), das 392 usinas em funcionamento no país, 70 operam em recuperação judicial.

Desde 2007, 58 encerraram as atividades.

O setor alega que a crise foi gerada pelos baixos preços do açúcar no mercado internacional e do etanol.

Como o governo federal subsidia a gasolina, o etanol perde competitividade nos postos.

Grupo sucroalcooleiro Unialco dá calote de R\$ 500 milhões em bancos. Josette Goulart – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 08/12/2014

É a segunda vez, em menos de cinco anos, que a empresa deixa de pagar instituições financeiras, entre elas Santander, Itaú, Bradesco e Banco Votorantim

Mais um grupo sucroalcooleiro se junta ao extenso rol das endividadas usinas de açúcar e álcool que estão deixando um rastro de calote no País e no exterior. O grupo Unialco, do interior de São Paulo, deixou de pagar R\$ 500 milhões aos bancos e está renegociando a dívida para estendê-la para os próximos cinco anos. Os bancos, por sua vez, estão encalacrados com empréstimos que não tinham garantias suficientes, como fazendas ou equipamentos que pudessem ser agora retomados.

A renegociação está avançada e um dos pontos acertados é a venda da empresa ou de pelo menos parte dela a um novo grupo. Não haverá desconto do valor total. No entanto, os bancos concordaram que a maior parte da dívida seja paga no final do novo prazo que está sendo dado. É a segunda vez em menos de cinco anos que a empresa deixa de pagar os bancos, entre eles Santander, Itaú Unibanco, Bradesco e Banco Votorantim.

O dono da Unialco, Luiz Guilherme Zancaner, em entrevista por telefone ao Estado, não quis dar detalhes sobre como está resolvendo a questão da dívida. Disse apenas que a empresa, que tem 2,1 mil funcionários, está centrada em garantir a plantação da próxima safra.

"Uma usina sem cana-de-açúcar é igual ferro-velho, e os bancos precisam entender isso", disse Zancaner. "Vamos financiar a próxima safra na raça." Uma alternativa é que as cooperativas de fornecedores de adubos, por exemplo, possam fazer esse financiamento em troca da venda antecipada de açúcar.

A safra deste ano, no entanto, já não foi nada boa para a Unialco, que possui usinas em São Paulo e Mato Grosso do Sul. A seca que tomou conta da Região Sudeste, a ponto de comprometer o abastecimento de água no Estado, foi responsável pela quebra da safra do grupo. A moagem da cana foi 20% menor do que a estimada. Além disso, os preços

do açúcar e etanol caíram, deixando um prejuízo de R\$ 157 milhões no balanço da safra 2013/2014.

Segundo o advogado da Unialco, Dirceu Carreto, do escritório CP Advogados, nenhum pagamento foi feito aos bancos neste ano por causa das dificuldades com a safra. Sem receber, o grupo de sete bancos entrou na Justiça para cobrar a dívida, com o auxílio do escritório Tepedino, Migliore e Berezowski. Mas, como as garantias do empréstimo não suprem o total devido e diante da demora dos processos judiciais, os bancos decidiram voltar à mesa de negociações. O objetivo é tentar evitar uma recuperação judicial, que poderia deixar a empresa alguns anos sem plantar e agravar a situação. Procurados, os bancos preferiram não comentar o assunto.

Carreto diz que a negociação está avançada, com os termos já aceitos por ambas as partes, restando apenas que os advogados redijam o novo contrato. Mesmo com o compromisso de vender a empresa, ou parte dela, algumas fontes próximas às negociações dizem que será difícil pagar a dívida sem que os bancos concedam algum desconto.

A crise da Unialco começou por causa de investimentos em duas usinas que acabaram não dando certo, no ano de 2008. Em 2010, a empresa renegociou as dívidas com os bancos, que se uniram em um único grupo para poder ter a garantia das safras futuras da empresa. Mas essa garantia venceu neste ano e, por isso, os bancos ficaram sem muitas opções, a não ser renegociar.

Crise no setor. As dificuldades de tantas empresas no setor já estão limitando o crédito para as empresas em geral. A situação vivenciada pela Unialco parece ter se tornado corriqueira. Há poucos meses, o grupo Virgolino Oliveira anunciou que teria de renegociar US\$ 735 milhões com credores internacionais, que compraram títulos da empresa. Apesar de a dívida só vencer a partir de 2022, a empresa não está conseguindo nem mesmo pagar os juros. No início do ano, uma grande recuperação judicial foi anunciada, a do grupo Aralco, com dívidas de mais de R\$ 1 bilhão.

Segundo estimativas da Datagro, pelo menos 30 empresas entraram em recuperação judicial, a antiga concordata, nos últimos anos no País. Desde 2008, segundo levantamento do Itaú BBA, 60 usinas de açúcar e álcool fecharam as portas. A estimativa é de que o setor tenha em 2015 um endividamento total de R\$ 77 bilhões.

Neste ano, alguns analistas já avaliam que a dificuldade de pagar os juros está sendo generalizada. Na sexta-feira, a agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) rebaixou as notas de risco da USJ Açúcar e Álcool. Segundo nota da S&P, o rebaixamento se deu por causa do aumento da alavancagem da empresa, que também está bastante endividada, e a expectativa de que terá um fluxo de caixa negativo.

Crédito para financiar o giro do setor está escasso. Josette Goulart – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 08/12/2014

Fitch prevê aumento de risco sistêmico em 2015, pois preços do açúcar e do etanol estão subindo muito lentamente

As perspectivas para 2015 das empresas do setor de açúcar e álcool não são as melhores. Altamente endividadas, com fluxo de caixa comprometido por causa dos baixos preços do açúcar e do etanol e tendo de lidar com o clima adverso e aumento de custos, a situação deve ficar ainda mais delicada com a escassez de crédito para financiamento das safras.

A agência de classificação de risco Fitch Ratings, em recente relatório sobre o setor, foi taxativa: "A expectativa é que o risco sistêmico do setor no Brasil cresça e reduza a disponibilidade de financiamento de capital de giro em consequência do enfraquecimento financeiro de importantes players domésticos".

Dados da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) mostram que as usinas de açúcar e etanol devem encerrar a safra do próximo ano devendo 110% do seu faturamento, que hoje é de R\$ 70 bilhões. O banco Itaú-BBA, que faz um acompanhamento de 65 empresas que representam dois terços de todo o setor, mostra que em dez anos o endividamento destas companhias cresceu 19 vezes.

O grande salto da dívida das usinas de açúcar e álcool se deu entre os anos de 2008 e 2009, quando houve um investimento maciço para aproveitar a onda de carros bicomustíveis e também os investimentos em cogeração de energia do bagaço de cana. Mas a demanda acabou frustrada. Os leilões de energia para a cogeração deixaram de ocorrer e, apesar de os carros flex continuarem em grande produção, a concorrência com o preço da gasolina tem dificultado a vida do setor.

De acordo com Plínio Nastari, da Datagro, mais de 30 empresas entraram em recuperação judicial nos últimos anos. Além dos subsídios da gasolina, Nastari diz que a indústria sofreu com o clima adverso e, no caso das usinas paulistas, também pelos investimentos no processo de mecanização, que foram antecipados por causa de um acordo com o governo do Estado para reduzir a queimada da palha antes da colheita.

Um outro ponto que também ajudou a piorar o cenário para o setor foi a queda dos preços do açúcar no mercado internacional. O relatório da Fitch Ratings intitulado "Perspectiva 2015: Açúcar e Etanol na América Latina" diz que a recuperação está demorando mais do que o previsto em razão dos elevados níveis de estoque do produto e da desvalorização das moedas dos países exportadores que estão forçando os preços para baixo.

Para o etanol, a situação deve ter alguma melhora depois do anúncio do reajuste do preço da gasolina pela Petrobrás, mas para a Fitch isso vai significar apenas uma "modesta alta".

"Se os preços do açúcar e do etanol não se recuperarem rápida e substancialmente, o atual nível de queima de caixa e a fraca posição de liquidez resultarão em rebaixamentos (de nota de risco das empresas) no curto prazo", diz a Fitch.

Dinastias sucroalcooleiras, os Biagi e os Junqueira Franco devem deixar o setor. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 15/12/2014

As duas famílias, que já figuraram entre as mais importantes do setor, hoje detêm

menos de 6% da Biosev, controlada pela gigante francesa Louis Dreyfus; sem voz ativa, sócias locais buscam 'pacote' de remuneração para sair do negócio

As famílias Junqueira Franco e Biagi, que já figuraram entre os grupos sucroalcooleiros mais poderosos do Brasil, podem deixar de vez o setor. Os acionistas minoritários da Biosev, braço de açúcar e etanol do grupo francês Louis Dreyfus, as famílias - reunidas na Santelisa Participações, que detém 5,85% da empresa - negociam com os franceses um pacote de remuneração para deixar a companhia, apurou o 'Estado'.

Sem poder de voz na Biosev e descontentes com o rumo tomado pela companhia, as duas famílias devem seguir caminho próprio, afirmaram fontes.

A expectativa era de que os minoritários pudessem sair do negócio após o processo de abertura de capital da empresa (IPO, em inglês), realizado em abril de 2013, depois de uma tentativa frustrada em 2012. "A maneira como o IPO foi conduzido e as decisões estratégicas tomadas pelo grupo frustraram os acionistas", disse uma fonte do setor.

As ações da Biosev acumulam queda de 40% desde 19 de abril de 2013, quando foi à Bolsa. "A intenção é fazer um acordo que dê maior liquidez aos acionistas", disse a mesma fonte. No entanto, fontes do mercado financeiro ouvidas pelo Estado acreditam que será muito difícil um acordo. A saída mais óbvia seria a venda das ações no mercado. "A Biosev está altamente endividada e a matriz fechou a torneira", disse uma fonte.

União. Até 2007, as famílias Junqueira Franco, dona da Vale do Rosário, e Biagi, da Santa Elisa, ambas da região de Ribeirão Preto (SP), atuavam de forma independente no setor. Quando a Cosan fez uma proposta hostil para a compra da Vale do Rosário no início daquele ano, o patriarca da família, Cícero Junqueira Franco, um dos responsáveis pela implementação do Proálcool, programa desenvolvido nos anos 70 para estimular a produção do etanol, rejeitou a oferta de Rubens Ometto e tentou buscar alternativas para se fortalecer no setor. No mesmo ano, deu início a conversas para a fusão com os Biagi.

Os dois grupos criaram a Santelisa Vale, mas a nova companhia, altamente endividada, foi incorporada no fim de 2009 pela francesa Louis Dreyfus, uma das maiores tradings de grãos do mundo. A múlti se tornou a segunda maior produtora de cana do Brasil, atrás da Raízen (joint venture entre Cosan e Shell).

De tradicionais usineiros do setor, as famílias Biagi e Junqueira Franco tiveram de se acomodar no bloco Santelisa Participações, como acionistas minoritários, à época com 14% de participação. A fatia foi diluída para 5,85% após o IPO - relegando-os ao papel de coadjuvantes.

Procurado para falar as negociações, o representante dos acionistas minoritários, Cristiano Biagi, disse que não tem informações sobre o tema. Rui Chammas, presidente da Biosev, disse desconhecer as negociações entre os acionistas e controladores.

Seca histórica pode reduzir safra da cana em 5%, estima a Única. Camila Turteli – Folha de São Paulo, Cotidiano. 18/12/2014

Após dois anos de crescimento, a safra da cana voltou a cair no centro-sul por causa da estiagem recorde registrada neste ano no Estado.

A estimativa da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) é que a moagem tenha queda de 5% –para 567 milhões de toneladas.

Até 1º de dezembro deste ano, a moagem foi 3% menor do que o resultado no mesmo período no ano passado. Foram 554 milhões de toneladas, ante 571 milhões.

A falta de chuvas prejudicou o desenvolvimento da planta. A produção por hectare caiu 12,1% no Estado de São Paulo, enquanto no restante do país foi de 7,8%.

"Há regiões no Estado, como em Piracicaba, que a quebra da safra superou 20%", disse Marcos Guimarães Landell, pesquisador do IAC (Instituto Agrônomo de Campinas), da Secretaria de Estado da Agricultura.

O analista da consultoria FG/Agro João Henrique de Lima Rissi afirmou que a seca foi o principal problema da safra, apesar da atual crise financeira que atinge o setor.

Segundo ele, faltou cana, porque há capacidade de moagem ociosa nas usinas. "É possível moer mais cana que é produzida nas lavouras de toda a região."

De acordo com os dados da Unica, a queda na moagem da cana representa perda de receita de cerca de R\$ 3 bilhões para as usinas.

Isto porque o faturamento médio por tonelada de cana atingiu R\$ 104,25 nas unidades produtoras entre abril e novembro deste ano.

Apesar da redução da moagem, a produção de etanol neste ano deve ser ligeiramente superior ao ano anterior. São 25,81 bilhões de litros previstos nesta safra, ante 25,58 bilhões registrados em 2013/2014.

Dessa forma, a produção de açúcar deve diminuir 6,8%, com 31,94 milhões de toneladas, ante 34,30 milhões de toneladas na última safra.

PRÓXIMA SAFRA

De acordo com as projeções da FG/Agro e também da Unica, a safra 2015/2016 deve ter uma moagem similar à deste ano, caso o regime de chuvas acompanhe a média histórica na região. Do contrário, pode haver nova redução do processamento.

"A safra do próximo ano também pode ser afetada pela expansão do canavial, que pode ser menor do que a registrada neste ano por falta investimento", disse Rissi.

Com a pior crise da sua história, que teve início em 2008 e que tem como principal causa o controle artificial do preço da gasolina por parte do governo, a produção de biomassa vem crescendo como uma alternativa para a diversificação do setor.

A Usina Guarani, por exemplo, comercializou 750 mil megawatts em 2013 e a previsão para o período atual é de 1 milhão de megawatts –40% a mais.

"Na safra 2015/2016 devemos comercializar 1,2 milhão megawatts", disse Fábio Pelegrini, gerente de Cogeração da Guarani.

Para a presidente da Unica, Elizabeth Farina, a geração de biomassa teve destaque em 2014 e, no próximo ano, será preciso definir qual o papel das fontes renováveis na matriz energética do país.

Preços da cana no Nordeste são insuficientes para cobrir custos de produção – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 19/12/2014

A rentabilidade do setor sucroenergético nordestino será insuficiente para cobrir os custos de produção na safra 2014/2015. Se for levado em conta um índice de produtividade de 60 toneladas de cana-de-açúcar por hectare, os preços de comercialização da matéria-prima estão 40% abaixo do custo total da atividade. Para quem tem produtividade de 70 toneladas/hectare, esta diferença cai para 33%, mas ainda assim aponta prejuízos na atividade.

Este cenário está no boletim Ativos da Cana-de-açúcar, uma publicação da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Pecege/Esalq). Segundo o estudo, para que o produtor independente de cana tenha margem positiva de lucro, acima dos custos totais, ele precisa ter produtividade superior a 98 toneladas/hectare.

“Apenas os produtores mais eficientes, ou com boas negociações de preço no pagamento da cana, conseguirão atingir rentabilidade”, explica o estudo realizado nas principais regiões produtoras do Nordeste. A publicação mostra, ainda, resultados negativos para o açúcar e o etanol. Para o primeiro produto, o preço ficou até 29% inferior aos custos totais, com um cenário negativo para todos os níveis de produtividade analisados pelo boletim (60, 65 e 70 toneladas/ha).

No caso do etanol anidro, esta diferença chega a 19% em um cenário mais pessimista. No entanto, aponta o estudo, as agroindústrias de etanol podem ter margem positiva se tiverem produtividade acima de 70 toneladas de cana por hectare. “A produção sucroenergética, em mais uma safra, projeta-se como uma atividade econômica de baixa atratividade em relação a investimentos em outros setores da economia brasileira”, concluiu o estudo.

BNDES aprova crédito de quase R\$ 600 milhões a usinas. Alessandra Saraiva – Valor Econômico, Agronegócios. 19/12/2014

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) informou ontem, em comunicado, que aprovou financiamentos para quatro projetos do segmento sucroenergético, no valor total de R\$ 592,1 milhões. Os projetos foram aprovados do âmbito das linhas Inova Sustentabilidade e PAISS Agrícola. A maior parte dos recursos foram aprovados nessa última linha, para a Abengoa Bioenergia Agroindústria. A empresa receberá R\$309,6 milhões para implantar uma unidade de etanol de segunda geração (2G), de acordo com informações do banco.

Conforme informações apuradas pela instituição de fomento, o crédito para a Abengoa possibilitará a instalação da quarta planta de etanol celulósico do Brasil, com capacidade nominal de 64 milhões de litros por safra. O BNDES detalhou que a planta será construída de forma integrada ao processo tradicional de produção de etanol da Usina São Luiz, em Pirassununga, no interior de São Paulo. Cálculos do BNDES indicam que, com mais esse investimento, a capacidade instalada de produção de etanol de segunda geração no Brasil atingirá quase 200 milhões de litros por safra.

A segunda aprovação no âmbito do PAISS Agrícola foi para a Raízen Energia, no valor de R\$ 4,5 milhões.

Conforme o banco, os recursos servirão para investimentos em técnicas mais ágeis e eficientes de propagação de mudas pré-brotadas de cana-de-açúcar.

Outra aprovação, também de recursos do PAISS, foi para a Biovertis Produção Agrícola, de Barra de São Miguel, Alagoas. A empresa receberá R\$ 139,3 milhões. O montante será destinado à realização de investimentos no estabelecimento de um sistema de manejo adequado para "cana-energia", produto com elevada produtividade e maior concentração de biomassa.

Já no âmbito da linha Inova Sustentabilidade, foi aprovada pela diretoria do BNDES a liberação de crédito à Cerradinho Bioenergia, que poderá contar com R\$ 138,8 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento relacionados às implantações de um sistema de limpeza a seco de cana-de-açúcar e de um sistema de recepção e separação de fardos de palha de braquiária e de cana na unidade industrial de Chapadão do Céu, em Goiás.

Unica acredita que 2015 será mais favorável para o etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 19/12/2014

A associação que representa as usinas de cana-de-açúcar do Centro-Sul (Unica) revisou ontem para cima seus números para a safra 2014/15 e previu que a próxima temporada, a 2015/16, tende a ser do mesmo tamanho da atual. Diferente, no entanto, deve ser a remuneração para o etanol, na avaliação do diretor-técnico da Unica, Antonio de Pádua Rodrigues. As mudanças tributárias favoráveis ao biocombustível ocorridas em importantes Estados consumidores e a provável elevação da mistura na gasolina são as apostas do setor para um ciclo mais positivo no ano que vem.

Após um longo período de estiagem, que teve seu pico em agosto, os canaviais de algumas regiões produtoras de São Paulo se recuperaram com a ocorrência de algumas chuvas. Assim, ontem a Unica revisou para cima a projeção para moagem - de 545 milhões de toneladas estimadas em agosto para 567 milhões de toneladas. O acréscimo significou uma produção de açúcar cerca de 600 mil toneladas maior do que o projetado anteriormente e uma produção de etanol 1,8 bilhão de litros superior.

Mas, já houve no último trimestre deste ano uma recuperação do consumo de etanol no Brasil, e as perspectivas são de que a demanda aumente em 2015. A participação do etanol no mercado de combustíveis do país do ciclo Otto (etanol e gasolina) deve atingir 38,1% no ano de 2014 (janeiro a dezembro), um aumento de 0,7 ponto percentual em

relação aos 37,4% de 2013, nas projeções da Unica. O recorde de participação do etanol foi em 2009, quando essa participação chegou a 50%.

"O market share do biocombustível no Brasil cresceu neste ano porque a produção foi maior e as exportações diminuíram", afirmou Rodrigues. O crescimento na participação se deu, principalmente, pelo avanço do anidro, que é misturado à gasolina. Rodrigues acrescentou que o market share do anidro aumentou de 19,5% em 2013 para 21% este ano. "Esse avanço ocorreu por causa do aumento da mistura de anidro na gasolina para 25% a partir de maio deste ano".

Para 2015, o grande potencial de aumento de consumo está no Estado de Minas Gerais que, recentemente aprovou um aumento do ICMS da gasolina e uma redução na alíquota do etanol hidratado. Com isso, o diferencial tributário entre os dois combustíveis em Minas Gerais passa a ser o maior do país: 15 pontos percentuais. Até então, o Estado de São Paulo tinha o maior diferencial (13 pontos percentuais), com o hidratado sendo tributado no Estado em 12%, e a gasolina, em 25%.

"Goiás também vai buscar o mesmo caminho. Essas tributações estaduais estão mudando a estrutura do mercado", afirmou a presidente da Unica, Elizabeth Farina.

Somente em Minas Gerais, espera-se um aumento do consumo de 750 milhões de litros anuais de hidratado.

Indiretamente, beneficiam-se também os Estados vizinhos, como São Paulo e Goiás, para onde Minas Gerais escoar seus volumes excedentes do produto. "O cenário de preços para o etanol tende a ser diferente em 2015, o que vai também ajudar a enxugar o mercado de açúcar", afirma Rodrigues.

A notícia pode ser boa para as usinas que sobreviverem até lá. A forte crise que se arrasta no setor desde 2008 já significou o fechamento de 80 usinas no Brasil e a entrada de 67 delas em recuperação judicial. O diretor técnico da entidade estima que nove usinas podem não retomar a moagem em 2015/16. "São unidades que já estão com problemas sérios de endividamento, agora tiveram nova quebra de safra por causa da estiagem e não têm mais produto para vender (etanol ou açúcar) até março do ano que vem", afirmou.

O efeito da queda das cotações internacionais do petróleo para o mercado de etanol ainda é uma incógnita. A presidente da Unica disse que esse impacto vai depender muito de como o governo brasileiro vai se posicionar em relação às políticas macroeconômicas. "A Petrobras vai investir no oré-sal com o petróleo a esse preço? O governo federal vai fechar as contas públicas sem a volta da Cide na gasolina?", questiona.

O horizonte mais positivo para o biocombustível não deve se repetir, no entanto, para a bioeletricidade. A redução pela metade do teto do Preço de Liquidação de Diferenças (PLD), que serve como referência para o mercado livre de energia, tende a reduzir a produção adicional de energia a partir de biomassa das usinas de cana do país.

A Unica estimou que em torno de 2 mil gigawatts/hora (GWh) deixarão de ser produzidos em 2015 devido ao menor incentivo financeiro. Esse volume representa

cerca de 10% da produção de energia de biomassa prevista para 2014 (em torno de 20 mil GWh). O teto do PLD foi reduzido pelo governo a R\$ 388 o megawatt/hora (MWh), ante o valor de R\$ 861 o MWh previsto para 2015.

Oferta segura preço do etanol na entressafra. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 19/12/2014

A entressafra de álcool começa, mas o consumidor terá um preço do combustível com menos sobressaltos neste período, que vai até abril, do que em anos anteriores.

Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), diz que nesta entressafra não haverá impacto nos preços. O volume de combustível disponível é grande e quem elevar preço perderá participação no mercado, diz.

Tradicionalmente, o etanol tem forte reajuste de preços no início de ano, devido à paralisação da colheita de cana e à oferta menor de produto.

O etanol está com uma paridade de 65% atualmente, em relação à gasolina, conforme pesquisa da Folha na cidade de São Paulo.

Os dados da pesquisa indicam valores médios de R\$ 1,875 para o litro de etanol e de R\$ 2,874 para o de gasolina na capital paulista.

Apesar dessa melhora na oferta de etanol, 2014 foi um ano difícil para o setor, tanto em relação às gestões de produção e financeira como nos resultados econômicos, segundo Elizabeth Farina, presidente da Unica. "Foi um período de muita esperança, mas de pouca realização."

E o cenário continua sem definições, enquanto o país não souber qual o papel das energias renováveis na matriz energética, segundo ela.

Padua diz que nesta reta final do ano os números de moagem de cana mostram que a situação não foi tão ruim como se previa.

Os dados apontam para uma moagem de 567 milhões de toneladas de cana, acima dos 545 milhões previstos em agosto, mas 5% inferior aos 597 milhões da safra anterior.

A recuperação no final de safra não foi suficiente para reverter as perdas com a quebra agrícola e a redução de moagem. Essas perdas deverão atingir R\$ 3 bilhões.

Ainda é difícil uma previsão para 2015, mas a condição climática e a situação financeira das usinas impedem uma alta da produção. "Na melhor das hipóteses, repete-se 2014", diz Padua.

A mais recente estimativa da Unica indica uma produção de açúcar de 31,9 milhões de toneladas na região centro-sul em 2014/15, 7% menos do que em 2013/14. Já a produção de álcool sobe para 25,8 bilhões de litros, 1% mais.

Conab prevê queda de 2,5% na moagem de cana no Brasil – Folha de São Paulo, Cotidiano. 19/12/2014

Após a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) anunciar previsão de queda na

moagem da cana na região centro-sul do país, foi a vez da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) divulgar redução na moagem nacional.

Segundo informou o órgão nesta sexta-feira (19), a produção brasileira deve chegar a 642 milhões de toneladas na atual safra, número 2,5% menor que os 658 milhões processados na anterior.

Na quinta-feira (18) a Unica divulgou que até o final da atual safra o processamento de cana-de-açúcar deve ficar em 567 milhões de toneladas –queda de 5% em relação aos 597 milhões moídos na safra anterior.

O estudo da Conab mostrou que, apesar da elevação da área de colheita, que passou de 8,8 milhões de hectares para 9 milhões de hectares –acrécimo de 2,2%–, houve queda na produção.

O que afetou o resultado, de acordo com o órgão, foram as questões climáticas, como a falta de chuvas –principalmente no Sudeste, que concentra a maior parte da produção.

A maior parte da cana-de-açúcar colhida deverá ser destinada para a fabricação de etanol, representando 56,28% da produção.

A previsão é que o etanol apresente um aumento de 2,5%, passando de 27,9 bilhões de litros para 28,6 bilhões de litros.

Prazo da Biosev para recompor 25% das ações em circulação é postergado – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014

SÃO PAULO - A Biosev, segunda maior produtora de açúcar e etanol do país, informou que o prazo para recomposição do percentual mínimo de ações em circulação fixado em 25% pelo regulamento do Novo Mercado da BM&FBovespa, originalmente estabelecido em 21 de janeiro de 2015, foi postergado para 4 de março de 2015.

Em julho deste ano, a controladora da Biosev, a francesa Louis Dreyfus Commodities, recomprou mais de 37,4 milhões ações em circulação da companhia sucroalcooleira por R\$ 619,7 milhões. Esses papéis haviam sido emitidos na oferta inicial de ações da companhia, em abril de 2013, juntamente com uma opção de venda dessas ações, 15 meses depois, a R\$ 16,57.

Ao recomprar as ações, por meio da Hédera Investimentos, veículo que criou para lançar as opções, a Louis Dreyfus ficou com mais de um terço dos papéis em circulação na bolsa (free float). Agora, precisa recompor esse percentual de ações em circulação para se manter no Novo Mercado da bolsa paulista.

Conselho de administração da Biosev aprova aumento de capital. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 26/12/2014

SÃO PAULO - O conselho de administração da sucroalcooleira Biosev, atualmente controlada pela francesa Louis Dreyfus, aprovou, em reunião realizada hoje, o aumento de capital de R\$ 128,177 milhões. O aporte será feito pelo International Finance

Corporation (IFC), braço de investimentos do Banco Mundial no setor privado, e elevará o capital da companhia para R\$ 2,618 bilhões.

A Biosev emitirá 12.817.750 ações ordinárias, a R\$ 10 cada papel, o que representa um prêmio de 31,25% sobre a média ponderada de 30 dias anteriores a 23 de dezembro.

Os acionistas que constarem nos registros até o dia 30 de dezembro terão direito de preferência na subscrição das novas ações. O direito de preferência deverá ser exercido entre 2 de janeiro e 2 de fevereiro de 2015.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Queda do preço do petróleo ameaça retomada do etanol. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 14/12/2014

Medidas em estudo pelo governo para ajudar as usinas produtoras de etanol podem ser afetadas com movimento global da commodity

A queda livre dos preços do barril de petróleo, que já operam abaixo de US\$ 60 o barril, poderá colocar em xeque as políticas que estão sendo traçadas para dar maior competitividade ao setor sucroalcooleiro. Atoladas em dívidas, as usinas em operação no País aguardam, com muita expectativa, para o início do ano, duas medidas emergenciais que poderão dar fôlego ao caixa dessas empresas: o retorno da Contribuição de Intervenção sob o Domínio Econômico (Cide), tributo sobre a gasolina, e a elevação da mistura do etanol dos atuais 25% para 27,5% no combustível.

As duas medidas, se adotadas, juntas, dariam um respiro maior ao setor. A Cide tornaria o etanol mais atraente nas bombas ao consumidor, uma vez que o tributo incide sobre a gasolina, e a alteração da mistura geraria uma demanda extra anual de 1,1 bilhão de litros pelo etanol, enxugando a oferta do produto do mercado.

A grande dúvida, contudo, é como o governo federal vai equacionar essas duas questões com a queda dos preços do petróleo, segundo especialistas ouvidos pelo Estado.

Os preços da gasolina praticados no País estão, em média, entre 20% e 25% maiores do que no mercado internacional. "O ponto é saber como o governo vai se posicionar. A Petrobrás precisa gerar caixa. O movimento óbvio seria a redução dos preços da gasolina ao consumidor, mas provavelmente isso não vai ocorrer", diz Plínio Nastari, presidente da Datagro, consultoria especializada em açúcar e etanol.

"Mas, se a volta da Cide for antes, tornará a gasolina mais cara, o que traz um problema com a inflação. Por isso, a adoção do tributo poderá ter outra recomposição", afirma Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infraestrutura(CBIE).

O tributo era de R\$ 0,28 sobre o litro da gasolina quando foi totalmente reduzido em meados de 2012. "A valores atualizados, equivaleria a R\$ 0,42", afirma Nastari.

Nastari e Pires acreditam que a Petrobrás poderá "absorver" parte da Cide para que o aumento do preço da gasolina ao consumidor seja menor. "Outra possibilidade é a

Petrobrás absorver tudo, o que é mais improvável, uma vez que agora consegue recompor parte do caixa com os preços maiores da gasolina comparados ao mercado internacional", diz Pires.

Segundo ele, os preços da gasolina no País oscilam contra as regras do mercado. "Enquanto as cotações do etanol na bomba variam de acordo com a oferta e demanda da safra de cana, com a gasolina tem sido diferente. O governo tem controle maior sobre o preço do combustível. Em 2008, quando o barril chegou a bater US\$ 150, o governo subsidiou o preço da gasolina. Quando caiu a US\$ 40, dois anos depois, não fez o repasse ao consumidor."

"Com o nível de alavancagem alto, o mercado entende que a Petrobrás precisa reajustar os preços do combustível (para cima) para melhorar o caixa", diz Alexandre Figliolino, diretor do Itaú BBA, especialista em açúcar e etanol.

À frente da presidência do conselho da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura na primeira gestão do governo Luiz Inácio Lula da Silva, está discutindo com o ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante, a adoção dessas duas medidas para o setor sucroalcooleiro. Rodrigues também não acredita que a Cide poderá ser adotada como antes, uma vez que a nova equipe da presidente Dilma Rousseff tem uma preocupação central, que é promover o ajuste fiscal em 2015. "Mas precisamos entender qual a matriz energética que o Brasil quer ter. O governo tem de definir qual", diz. Para o ex-ministro, essas medidas não salvam o setor, que deve hoje 110% da safra, Ou seja, deve mais do que arrecada. "Medidas estratégicas de longo prazo precisam ser pensadas."

Ao Estado, fontes do governo confirmaram que o retorno da Cide está na pauta do Ministério da Fazenda e a elevação da mistura do etanol na gasolina também continua em análise.

Menor impacto. Mas, dependendo de como for adotada, a Cide poderá correr o risco de não deixar o setor sucroalcooleiro tão mais competitivo como se imaginava. "Temos de entender primeiro como vai ser essa recomposição. Sabemos que o governo quer preservar a Petrobrás", diz Nastari.

A elevação da mistura, sozinha, não resolveria o problema das usinas, mas a medida aliviaria também a estatal, que teria como impacto direto redução da importação da gasolina. "Se a mistura for elevada, aumentaria a demanda por etanol em 1,1 bilhão de litros por ano e reduziria a demanda por gasolina na mesma proporção", observa Nastari. Entre janeiro e novembro deste ano, a Petrobrás importou cerca de 2 bilhões de litros de gasolina, gerando despesa de US\$ 1,47 bilhão, de acordo com a Datagro.

MG aprova redução do ICMS do etanol de 19% para 14%. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 16/12/2014

SÃO PAULO - Foi aprovado na noite de ontem pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais o projeto de lei 5494/14, que reduz o ICMS do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, de 19% para 14% e aumenta o da gasolina de 27% para 29%, por 56 votos a favor e 3 contra, conforme informações da Associação das

Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais (Siamig). O projeto precisa agora ser aprovado pelo Executivo e entrará em vigor em 90 dias após a sanção pelo governador.

A medida tende a elevar a competitividade do etanol em relação à gasolina, ampliando as vendas do biocombustível, atualmente na casa dos 750 milhões de litros por ano, segundo o Siamig.

Em Minas Gerais, para cada 100 litros de gasolina são comercializados apenas 15 litros de etanol hidratado, enquanto em São Paulo a proporção é de 60 litros de etanol para cada 100 de gasolina. Com a medida a expectativa é de dobrar as vendas no estado e chegar ao consumo de 1,5 bilhão de litros por ano, conforme o Siamig.

A entidade calcula que a redução do ICMS vai significar a redução nos postos de R\$ 0,12 a R\$ 0,15 no preço do etanol por litro, o que dará uma relação com a gasolina em torno de 66%.

Com a medida, Minas Gerais passa a deter a maior diferença do país entre ICMS do etanol e da gasolina — de 15 pontos percentuais.

Consumo de combustíveis no Brasil cresce 5,6% em 2014, diz sindicato – Folha de São Paulo, Mercado. 16/12/2014

O mercado de combustíveis no Brasil fechará 2014 com um volume total de 132,9 bilhões de litros, com crescimento de 5,6%, em relação ao ano passado, de acordo com dados divulgados nesta terça-feira (16) pelo Sindicom (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes).

Os números incluem dados já registrados de janeiro a outubro, e estimativas referentes a novembro e dezembro. É um número bastante forte considerando o desempenho da economia como um todo, afirmou o presidente executivo do Sindicom, Alisio Vaz.

Na mesma comparação, o consumo de óleo diesel fechará 2014 com um volume da ordem de 59,9 bilhões de litros, com crescimento de 2,4% em relação ao observado no ano anterior.

O consumo de gasolina C (comercializada nos postos com adição de etanol) também apresenta alta de 7,1%, totalizando 44,3 bilhões de litros.

O mercado de etanol hidratado deve fechar o ano com um volume total de 13 bilhões de litros, com aumento de 10,4% em relação a 2013.

Na mesma comparação, o mercado de gás natural veicular (GNV) deve apresentar um recuo de 3,1%, fechando 2014 com 1,8 bilhões de metros cúbicos.

De acordo com o Sindicom, as vendas de combustíveis de aviação (querosene de aviação e gasolina de aviação) fecharão o ano em 7,5 bilhões de litros, com alta de 3,5% frente 2013.

Na mesma comparação, o consumo de óleo combustível crescerá 26,5%, para 6,3 bilhões de litros.

O Sindicom indicou, ainda, que a frota de veículos leves deve fechar 2014 com um número total de 35,2 milhões de unidades, com uma alta de 2,8% em relação ao ano passado.

PREÇO BAIXO

Os preços do petróleo caíram 45% desde junho no mundo, com a venda generalizada ganhando ritmo após a Opep (organização dos países exportadores) decidir, no mês passado, manter sua meta de produção.

Para a AIE (Agência Internacional de Energia), caso a Opep mantenha seus níveis de produção, o excesso de oferta global chegará a 2 milhões de barris por dia na primeira metade de 2015, quando a demanda estará fraca por fatores sazonais.

A AIE cortou sua perspectiva para o crescimento da demanda em 2015 e prevê que o aumento na oferta de países de fora da Opep vai agravar o excesso, pressionando ainda mais os preços.

CONSEQUÊNCIAS

A queda nos preços do petróleo cru para perto dos US\$ 60 por barril coloca em risco futuros projetos, o que privaria o mundo de 7,5 milhões de barris diários de petróleo em produção nova, pelos próximos 10 anos -ou o equivalente a 8% da demanda mundial por petróleo.

Projetos em fronteiras de produção, como as águas profundas do Golfo do México, dependem de preços elevados para o petróleo e podem não ser economicamente viáveis com o petróleo a US\$ 60 por barril.

Preço do etanol hidratado cai ao motorista de 12 Estados. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, caíram na maior parte do país entre os dias 14 e 20 de dezembro na comparação com a semana anterior, segundo levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP). A maior retração foi observada em Mato Grosso, onde o preço médio do litro ao motorista ficou 1,9% mais baixo, a R\$ 2,153. Ao todo, a queda foi observada em 12 Estados.

Em São Paulo, maior Estado consumidor de combustíveis do país, o preço médio nos postos subiu 0,21%, a R\$ 1,897 o litro. O biocombustível também se valorizou em outros dez Estados, e em quatro e no Distrito Federal ficou estável.

No caso da gasolina, o preço médio ao consumidor final subiu em 13 Estados e no Distrito Federal, caiu em 12 unidades da Federação e ficou estável em um Estado entre 14 e 20 de dezembro.

O etanol permaneceu competitivo ao consumidor final em relação à gasolina nos mesmos cinco Estados da semana anterior — Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná. Essa vantagem passa a existir quando o preço do etanol equivale a menos de 70% do preço da gasolina, conforme o parâmetro mais aceito pelo mercado.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

ETANOL

Cana deixa de atrair capital estrangeiro. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 15/12/2014

Múltis vieram com força ao País na década passada, mas crise freou os investimentos

O grupo francês Louis Dreyfus foi um dos primeiros a fazer aquisições de usinas no Brasil no início dos anos 2000, quando o setor sucroalcooleiro era predominantemente controlado por usinas de capital nacional. Atualmente, cerca de 30% da produção de cana-de-açúcar do País está nas mãos de companhias estrangeiras, de acordo com levantamento da consultoria Datagro.

Das cinco maiores companhias do setor, quatro têm participação de capital estrangeiro: Raízen (joint venture entre a brasileira Cosan e anglo-holandesa Shell), Dreyfus, a americana Bunge e a também francesa Tereos, lideram o ranking. A Odebrecht Agroenergia, do conglomerado baiano, é a única que não tem ainda sócio relevante de fora.

Como agravamento da crise no setor, o avanço de grupos de fora foi interrompido. A retomada só deverá ocorrer quando a rentabilidade das usinas voltar a ficar atraente, dizem especialistas ouvidos pelo Estado.

A entrada dos "gringos" no setor começou no ano 2000 e se intensificou entre 2007 e 2009, quando boa parte das usinas nacionais estava altamente endividada, por causa da expansão de capacidade realizada nos anos anteriores. Com a crise financeira, muitos grupos nacionais foram obrigados a vender parte ou até o controle de seu capital.

Com 11 unidades produtoras, prontas para moer quase 40 milhões de toneladas, a Biosev tem alta capacidade ociosa. A moagem desta safra, a 2014/15, deve ser de até 31 milhões de toneladas. Sob nova gestão desde o fim de 2013, a companhia tem dado prioridade à chamada "disciplina financeira e operacional". Rui Chammas, presidente do grupo, disse que a empresa está trabalhando para alongar a dívida e reduzir custos para ser capaz de gerar caixa suficiente para a manutenção da operação. A receita líquida da safra 2013/14 ficou em R\$ 4,2 bilhões e prejuízo de R\$ 725 milhões.

A gestão de Chammas, egresso da petroquímica Braskem, tem sido elogiada por concorrentes pelo rigor financeiro, cujo objetivo é reduzir o alto endividamento ajustado (de R\$ 4,08 bilhões até setembro deste ano) e gerar caixa. Quase metade da dívida é de curto prazo.

O grupo chegou ao País em outubro de 2000, com a compra da usina Cresciumal, em Leme (SP). Nos anos seguintes, a companhia cresceu por meio de importantes aquisições, como a dos ativos do grupo Tavares de Mello. A grande tacada foi a associação com a Santelisa Vale, fusão que permitiu que a empresa chegasse à atual capacidade.

"Quando chegaram ao País, os grupos internacionais foram atraídos pelo potencial mercado que o etanol poderia conquistar, com o crescimento das vendas de carros flex

(abastecidos com álcool ou gasolina) e as perspectivas de crescimento das exportações do combustível", disse Luiz Carlos Corrêa Carvalho, da consultoria Canaplan.

"A primeira gestão do governo Lula estimulou investimentos. Depois, o governo passou a dar prioridade para o pré-sal, deixando de lado os combustíveis renováveis", disse uma fonte. "É difícil para um grupo estrangeiro ter de explicar para sua matriz que o governo mudou de uma hora para outra as políticas de incentivos. Boa parte das estrangeiras que entraram no País também passa por dificuldades."

Nova consolidação. Com o mau momento do setor, muitas companhias estão à venda, mas a maior dificuldade é encontrar comprador para esses ativos. No entanto, a expectativa de que o governo possa aprovar a retomada da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), tributo sobre a gasolina, e elevar a mistura do álcool na gasolina, de 25% para 27,5%, poderá dar fôlego às usinas.

Segundo uma fonte do mercado financeiro, já há fundos nacionais e estrangeiros que vislumbram oportunidades no setor. "No momento de crise surgem as oportunidades. Poderemos ver investidores estratégicos de olho em originação (produção) da commodity, mas o momento de troca de controle a preços elevados acabou", disse Plínio Nastari, da Datagro.

Dedini, Porta e DuPont unem suas forças em etanol de milho. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014

Depois de perceberem a dificuldade de atuar isoladamente em um mercado ainda incipiente no Brasil, a Dedini Indústria de Base, a americana DuPont e a empresa argentina Porta decidiram fazer uma parceria para se tornar a referência no fornecimento de tecnologia e equipamentos para fabricação de etanol de milho no Brasil.

Esse é um mercado ainda pequeno, e, em muitos casos, caracteriza-se por iniciativas isoladas de empresários do Centro-Oeste brasileiro que fazem adaptações industriais para processar o milho na mesma usina onde já é moída a cana-de-açúcar.

Inicialmente, a clientela potencial da parceria passa pelas 54 usinas canavieiras instaladas no Centro-Oeste do país, onde o milho tem preços competitivos para fabricar etanol. Mas no portfólio estão ainda as fábricas de etanol com uso exclusivo de milho, também viáveis economicamente nesse "cinturão" do grão, que engloba Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, diz o vice-presidente de Tecnologia e Desenvolvimento da Dedini, José Luiz Olivério.

Na parceria, a argentina Porta entra com a tecnologia para fabricar etanol de milho e a experiência na operação dessas plantas. "Temos duas usinas na Argentina. Sabemos como fazer essa operação", explicou o presidente da companhia, José Porta. A Dedini, uma das mais tradicionais fabricantes de equipamentos para usinas de cana, entrou no acordo para aplicar esse know-how e executar a planta de etanol de milho com base no projeto desenhado pela Porta.

Na frente operacional, a DuPont, uma das maiores companhias de sementes e defensivos agrícolas com faturamento global de US\$ 3,5 bilhões, fornecerá os insumos

para o processo, tais como enzimas e biocidas (substâncias para controle da fermentação).

Num ambiente de negócios em que investimentos são feitos a taxas de juros elevadas, como é o caso brasileiro, a preocupação foi oferecer projetos que demandassem o mínimo de capital, sem abrir mão de entregar desempenho, disse o vice-presidente industrial de Biosciences da DuPont na América Latina, John Júlio Jansen.

Construir uma usina de etanol de cana chega a demandar três vezes mais investimento do que uma de milho com a mesma capacidade. Com uma tonelada do grão, são produzidos de 350 a 410 litros de etanol. A partir do mesmo volume de cana, é possível produzir 80 litros do biocombustível.

O que a Porta e a Dedini prometem é a entrega de uma fábrica de etanol de milho mais "barata" que as equivalentes americanas. Olivério observa que uma usina com capacidade para produzir 250 mil litros de etanol de milho por dia, que é o formato padrão adotado para o mercado brasileiro, pode custar entre R\$ 80 milhões e R\$140 milhões no Brasil. "O capital empregado numa planta equivalente nos Estados Unidos é 30% a 40% superior".

O vice-presidente da Dedini diz que não há ainda contratos fechados. Mas afirma que algumas conversas estão em andamento e devem se converter em negócios ainda no primeiro semestre de 2015. "O ano de 2014 foi um ano difícil, de eleições e Copa do Mundo. Todos estavam inseguros de tomar decisões", justifica Olivério.

Agora, juntas, as empresas conseguem conversar com os potenciais clientes oferecendo todo o "pacote" tecnológico. "Quando nos reuníamos com clientes, ficávamos sem algumas respostas. Faltavam os outros elos do negócio, como o de tecnologia e equipamentos, para levar soluções completas", afirma Jansen, da Dupont.

Referência em equipamentos para o segmento de cana-de-açúcar, a Dedini vê no negócio com milho uma oportunidade de, num primeiro momento, diversificar seu portfólio que já inclui equipamentos para outros setores, como o de bebidas. Do ponto de vista de impacto financeiro, Olivério diz que ainda é preciso que esse mercado de etanol de milho se consolide no Brasil.

Se isso se concretizar, o negócio poderá representar de 10% a 15% do faturamento da companhia. No exercício encerrado em março deste ano, a receita líquida da Dedini foi de R\$ 385 milhões, bem abaixo da alcançada no auge dos investimentos em etanol no Brasil, em 2008, quando a empresa faturou R\$ 2,2 bilhões. A forte retração tem origem nos baixos investimentos dos últimos anos da indústria de cana no Brasil, mas também reflete a estagnação de outros setores da indústria nacional.

O presidente da empresa argentina, dona de um faturamento de US\$ 150 milhões, afirma que a intenção é que a parceria com a Dedini se estenda para toda a América do Sul - com exceção da Argentina -, que detém um potencial importante, segundo ele, de produção de biocombustíveis a partir de milho.

Empresa familiar, a Porta implantou suas duas usinas de etanol de milho na Argentina em 2010, com a entrada em vigor da mistura de 10% de etanol na gasolina, estabelecida

pelo governo do país naquele ano. Uma das fábricas, com capacidade para produzir 50 milhões de litros por ano de álcool, destina-se ao mercado de bebidas e fármacos. A outra, com produção de 90 milhões de litros anuais, é voltada para o uso como combustível. "Vamos avançar também na Argentina. A mistura no país tende a avançar para 25%", disse.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa